



S.O.S. Criança

"As crianças são os homens de amanhã"

"Uma infância menos infeliz, fará homens menos infelizes"

"Estou aqui... olhem, sou uma criança!"

"Nada mais belo que o sorriso de uma criança"

"Temos que dar às crianças um futuro melhor"

"Elas existem. São crianças (in)felizes, são crianças (bem) maltratadas"

Estas e tantas outras frases foram escritas, e ainda hoje reescritas por homens, poetas, filósofos, pensadores, ou simples cidadãos, que se preocuparam, preocupam em contribuir para uma infância melhor, mais feliz.

Cá, tal como em outros países, esta preocupação tem revestido inúmeras formas, daí o aparecimento e existência de medidas/respostas de grande diversidade, mas com o objectivo comum de contribuir para o desenvolvimento global da criança.

Em vários países da Europa, com o advento das novas e modernas sociedades tecnológicas, surgem os telefones para as crianças, seus familiares ou legais representantes, para falarem, solicitarem apoio, informações, orientações, etc.

Em Portugal, e por volta de 1984, a preocupação até aí já existente, toma forma e lança-se a ideia de criar um novo e diferente tipo de resposta. Desta vez e pela primeira vez, um meio que a criança, ela própria possa utilizar para fazer valer a sua voz, pedir apoio, protecção, quando se sente lesada ou em perigo.

Quem melhor que o Instituto de Apoio à Criança para concretizar esta ideia?

A ideia existe. Concretizá-la, demora no tempo.

Muito há que fazer, para pôr em funcionamento o que já nesta data se apelidava de S.O.S. Criança.

É um embrião, por ele há que lutar, houve que lutar, para que em 1986 se iniciasse a constituição da equipa, se reflectissem conceitos, se estabelecessem contactos, enfim se estruturasse e lançasse o S.O.S.-Criança.

Este serviço nasce para o público em 22/Novembro/1988. Podemos dizer que tem pouco tempo de vida. Quando este boletim sair o S.O.S.-Criança terá completado aproximadamente 8 meses. É pouco tempo para uma iniciativa de tanta responsabilidade.

No entanto sobre ele há já coisas a dizer. Preocupa-nos essencialmente que, através do boletim, fiquem algumas informações mais completas sobre o serviço S.O.S. Criança.

Estudo, estatísticas e avaliações sobre o S.O.S. Criança, existem e vão estar brevemente disponíveis no I.A.C.. Aqui, para os sócios e amigos do I.A.C. ficam os "flashes noticiosos" eleitos pela equipa do S.O.S. Criança, como os mais significativos dos 8 meses de vida, deste serviço, que com dedicação, empenho, profissionalismo, alegria e alguma tristeza..., temos assumido desde o primeiro minuto.

• O S.O.S. Criança pretende desenvolver a sua acção como um serviço de apoio, informação e orientação de situações/problema das crianças.

Embora actuando na prevenção

(cont. na pág. seguinte)



(01) 73 16 17

FAZ ESTA LIGAÇÃO.



(cont. da pág. anterior)

dos maus tratos não é, na sua essência, um serviço de urgência ou de emergência. Pretende-se actuar antes que a violência se instale no seio da família, ou seja, actuar na causa que leva à violência.

• A divulgação deste serviço tentou ser feita através de mensagem televisiva, emitida em fins de Dezembro de 88.

Após esta divulgação as crianças assumiram-se como os grandes utilizadores do serviço, ocupando constantemente as linhas. No entanto, foi a equipa, que nos sucessivos apelos, foi respondendo à grande interrogação: — *O que é o S.O.S. Criança e para que serve?*

Embora com menos impacto, mas de modo esclarecedor, a divulgação realizada inicialmente através dos jornais, revistas e rádio cumpriu os objectivos.

• 731617, é o número de telefone da rede de Lisboa, do serviço S.O.S.-Criança, e funciona de 2.^a a 6.^a feira, das 13 às 18h.

O alargamento do horário, ao período da manhã, está condicionado ao reforço da equipa. Actualmente a equipa é constituída por 3 elementos, 2 técnicas de serviço social e uma educadora de infância, prevendo-se para breve a admissão de mais um elemento da área da psicologia.

• O 731617, tem tocado assiduamente, e como já se referiu, as crianças, são o seu utilizador privilegiado. Embora, por parte do I.A.C. existisse a preocupação de junto

dos T.L.P. insistir num n.º de telefone diminuto e de fácil memorização, isto não foi possível. Após estes meses verificamos, que para as crianças isto não é problema.

O 731617 tornou-se familiar ou na memória ou nas agendas. Troca-se entre familiares, amigos ou colegas.

Talvez por isso, não foi possível "limitar" durante o período inicial de 3 meses, como se pretendia, os apelos à área da grande Lisboa.

As chamadas "choveram" de todos as partes e terras do país. As crianças sentiram que podiam recorrer ao S.O.S. Criança quando necessitavam.

• Num total de aproximadamente 1551 apelos, 1134 são de crianças e jovens, 417 de adultos.

Nos adultos os apelos são maioritariamente dos elementos do sexo feminino e por ordem decrescente de mães, tias, avós e irmãs.

Também os pais utilizam a linha do S.O.S. Criança.

Os elementos da comunidade (professores, vizinhos, médicos, técnicos de acção social local) também tomam a iniciativa de telefonar.

• Dos 1134 apelos das crianças e jovens, 685 são de elementos do sexo feminino, 449 do sexo masculino.

Norte, Sul e Centro também estão presentes, sendo as áreas de Braga, Bragança, Guimarães e Porto as dominantes a Norte do País.

Do Sul a maior incidência é Faro,

Portimão e Olhão.

No Centro destacamos, Leiria, Santarém, Portalegre, Évora, Beja.

Dos Açores chegou também um apelo.

As idades das crianças e jovens variam entre os 3 anos (alguém lhes faz a ligação) e 22 anos. No entanto as faixas etárias dos 6-9 anos; 10-15/16 anos são as dominantes.

• Diariamente surgem apelos de locais mais distantes e desconhecidos. Mas, sem sombra de dúvida é da área da grande Lisboa que chega o maior número de apelos — 1092.

• De que falam estas crianças, jovens e adultos quando ligam para o S.O.S. Criança?

As crianças e os jovens verbalizam problemas de isolamento, solidão, problemas escolares e dificuldades de relacionamento com os pais, irmãos, e outros adultos, nomeadamente com os professores.

Para os adolescentes, as dúvidas e perguntas, sobre aspectos relacionados com a afectividade, camaradagem, namoro e sexualidade, são temas constantes nos seus apelos. Como constantes são as preocupações sobre divórcio e separação dos pais.

• Os adultos familiares contactam o S.O.S. Criança apresentando questões ligadas a esclarecimentos no aspecto pedagógico, sobre o direito de família e menores, problemas ligados a dificuldades de relacionamento entre pais e filhos, existência e localização de equipamento social, consultas...

Dos elementos da comunidade chegam apelos de situações de crianças em risco, vítimas de maus tratos, abuso sexual ou situação de negligência.

• Os apelos não têm duração limitada. O apelante mantém-se ao telefone o tempo que considerar necessário ao seu problema. Assim, chegam apelos com a duração de 10-20-30 minutos, e outros com maior duração — 01H00-01H30-02H00.

• Mantendo, o anonimato e confidencialidade, duas das suas características fundamentais, e sem pretender dar soluções, mas sim escutar, apoiar e orientar, o S.O.S. Criança aposta em continuar a crescer, estando atento à sua própria dinâmica e à realidade, especialmente à realidade do que é ser criança hoje, em Portugal.

A equipa S.O.S. CRIANÇA

Símula resultante de 6 meses de actividade



A Criança e o direito de brincar

Através do universo mágico do brincar, a criança inicia-se na vida social seguindo o seu próprio processo de maturação.

No jogo de expressão corporal a criança estrutura a harmonia da sua personalidade única.

Contudo, cada vez mais, a vida das crianças é organizada em função dos deveres escolares...

São escolhas...

I—A BRINCADEIRA

Numa obra já clássica pelo seu alcance, brincar é definido como uma acção livre, sentida como fictícia e situada fora das obrigações da vida corrente, acção capaz, no entanto, de absorver totalmente aquele que brinca.

Bem ao contrário do repouso, é um processo muito dinâmico; em contraste com o dever, brincar é uma acção escolhida livremente, sem resultar de nenhuma obrigação; ao contrário do trabalho, brincar não tem nenhuma finalidade que lhe seja exterior... brincar não produz nada mais do que o prazer de brincar (ainda que daí resultem algumas consequências psico-sociológicas) e nunca procura produzir mais do que isso!... É isto, mesmo nos autores que defendem o jogo como instrumento pedagógico na escola.

II—CARACTERIZAÇÃO DO JOGO

a) Uma ficção perfeitamente real

As actividades lúdicas manifestam um desfasamento em relação à realidade comum. Mergulha-se numa liberdade criadora que permite um distanciamento dos acontecimentos utilitários ou necessários, mas trata-se verdadeiramente de uma ficção na qual firmemente se acredita.

b) Um repouso em exercício

Brincando opera-se um libertar das tensões, dos conflitos e outras preocupações da vida real. Brincar representa uma iniciativa para escapar às pressões do quotidiano. Entregando-se com prazer à sua actividade lúdica, aquele que brinca, recupera e protege-se porque pode esquecer as suas preocupações, transitando para um outro mundo, o do brincar, onde pode igualmente viver outras personagens.

c) Uma acção séria

Em toda a acção de brincar há um reconhecimento de si próprio e exploração do mundo envolvente. Brincar é um empenhamento activo e não é, de forma alguma, uma situação de imobilidade. Todo aquele que brinca prepara-se para se tornar "melhor", aperfeiçoa-se exercitando-se. Cada um joga as suas possibilidades em relação a uma "realidade" da qual ele detém as regras do jogo, enquanto que, no mundo real, são as "coisas" exteriores a ele próprio (outros poderes e circunstâncias macro-estruturais) que distribuem as cartas.

d) Uma vivência ambivalente de socialização e/ou em competição

Brincar oferece uma possibilidade de entrar em relação real ou imaginária com outrem sob diversas formas. Simultaneamente ou alternativamente, brincar significa enfrentar e colaborar, antagonismo e cooperação. Brincar um contra o outro é também brincar juntos. Um adversário na brincadeira, no jogo, é também um parceiro. Exprimo-me contra ele, graças a ele, em interdependência...

Trata-se igualmente de medir as nossas forças, condições e possibilidades, seja em relação a diversos obstáculos, ou seja, ainda, em relação aos outros. Brincando, enfrenta-se uma prova a ultrapassar e isso pede-nos uma organização das nossas capacidades pessoais.

Mesmo não havendo lugar para uma vitória formal, o prazer intrínseco de quem brinca situa-se no gosto de arriscar ao "aceitar" uma aposta, no risco de ganhar ou perder uma parada no jogo.

e) Um controlo gratuito

Toda a actividade de brincar revela-se como uma totalidade organizada, tendo por vezes regras muito simples (podem ir desde a repetição de um movimento com a finalidade de reencontrar o prazer descoberto por acaso, até às regras de funcionamento codificado) face às quais cada um se descobre meticuloso ou descuidado, polícia ou batoteiro... nas suas atitudes mais radicais. Para "nada", o indivíduo desenvolve uma série de condutas que podem caracterizá-lo.

III—EVOLUÇÃO DOS JOGOS

Descrição dos jogos à medida que progride a maturação da criança

a) jogo exercício

A criança sente prazer e mesmo um certo espanto descobrindo espontaneamente os movimentos do seu corpo. O jogo consiste então em reencontrar esses gestos feitos por acaso, tendo a criança deste modo uma satisfação imediata no movimento realizado.

Já J. Rosseau dizia: "... para aprender a pensar é preciso exercitar os nossos membros, os nossos sentidos, os nossos órgãos, que são os instrumentos da nossa inteligência..."

b) Jogo simbólico

A criança "toma nota" do que a rodeia e gosta de imitar — através de sons, movimentos e gestos significativos — o mundo exterior imediato, principalmente os seus pais, animais domésticos, máquinas... esforça-se assim por acomodar-se às realidades "vivas" que a rodeiam.

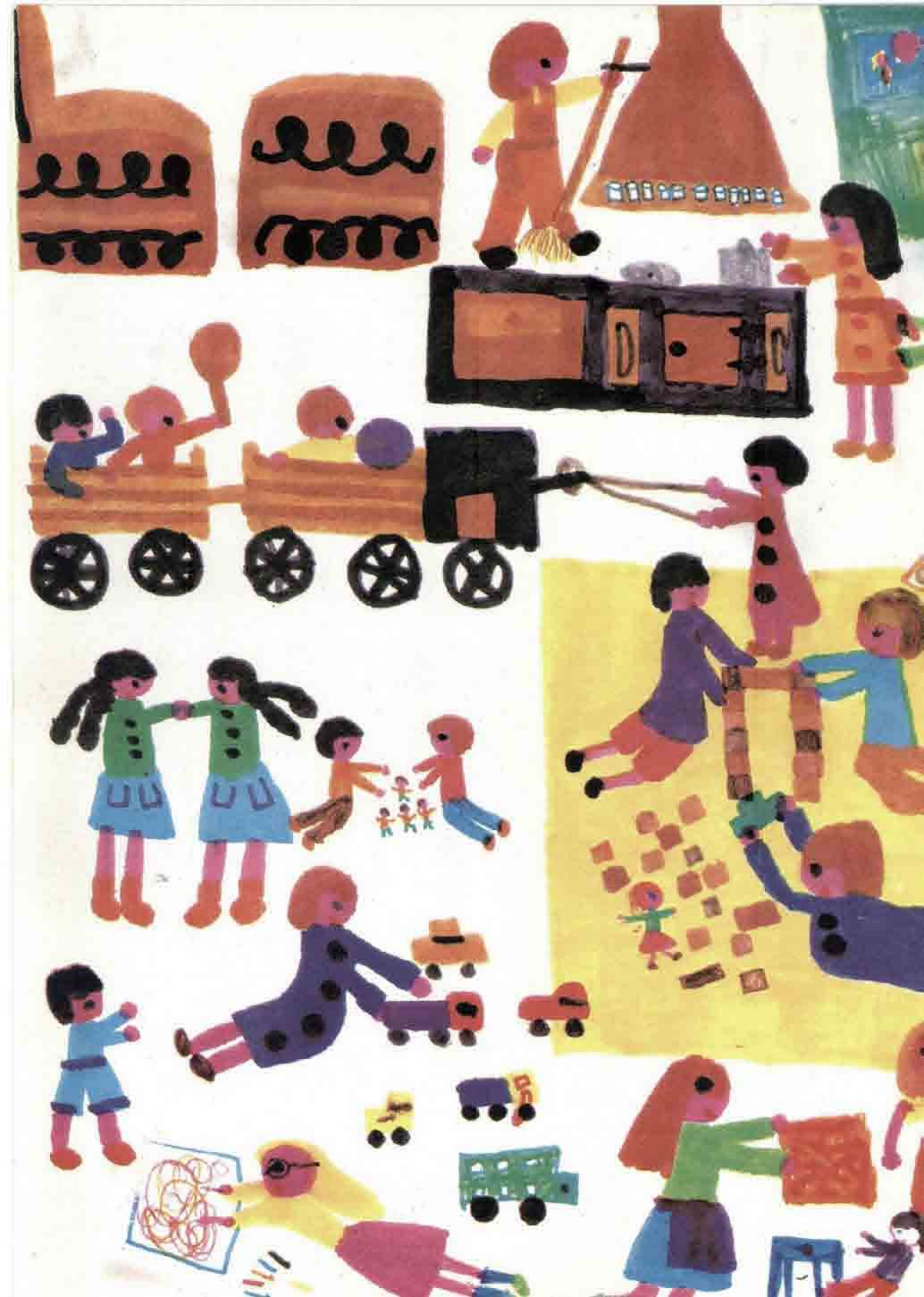
c) Jogos de regras

Uma regra de jogo precisa aparecer desde que haja um parceiro para brincar. Com efeito isso significa que se começa a ter em conta o outro como existência diferenciada e complementar de si próprio.

Trata-se de um período de grande correlação entre jogo e linguagem, porque ambos contribuem para a diminuição progressiva do egocentrismo da criança, uma vez que brincar convida ao diálogo.

Aliás, "... crianças que falam mal são também crianças que brincam pouco..." porque o jogo e a linguagem decorrem de uma mesma actividade, a de se distanciar do real graças à possibilidade de "fugir" para a ficção.

(continua)





A criança e o direito de brincar

(cont.)

Assim se opera a descentração da criança que facilitará a objectivação, domínio esse que constitui uma chave de acesso à formação conceptual. Consequentemente, brincar contribui para a formação intelectual sem trazer consigo condutas estiolantes como o intelectualismo dos deveres escolares.

O dever a cumprir, por outro lado, introduz de outro modo a noção de lei, como decorrente de uma autoridade: a escolarização faz progredir a aprendizagem mais pelo medo que pelo desejo de diálogo. Aliás, o espírito do jogo e o ambiente na escola podem, às vezes, encontrar-se na alegria das descobertas, na obtenção — sob formas diferentes — de novas aquisições.

IV — PSICOMOTRICIDADE

E por intermédio da actividade psicomotora, principalmente nas brincadeiras que incluem o movimento corporal, que se desenvolve a diferenciação entre o mundo dos objectos e o dos sujeitos através da exploração, dos gestos de imitação e do "vai-vem" da ligação afectiva.

De início a criança confunde o objecto consigo própria, em seguida ele torna-se em algo "para ela" e só mais tarde o objecto lhe aparece como alguma coisa para além dela, antes de ser reconhecido como outra "entidade" em si mesmo, como tendo uma "entidade" própria. Emocionada pelo objecto, a criança vai tornar-se capaz de agir sobre ele, e depois sem ele.

A educação corporal espontânea através do brincar toma uma importância primordial: conhecimento imediato de si mesmo, experiência directa de toda a descoberta, o corpo sustenta a presença pessoal no mundo. O esquema corporal adquire-se, assim, através destes fenómenos de exploração, de imitação e de evolução num campo espacial.

As expressões simbólicas "fazer face a", "estar distante", "afastar-se", "sentir-se apanhado"... entre outras, sublinham o valor de base desta aprendizagem imediata feita através dos jogos corporais.

A imagem de si próprio, apoiada pelo seu esquema corporal, constrói-se pela integração em si mesmo da experiência vivida do seu corpo no mundo em relação a outrem... é a base de apoio operacional. As crianças mal estruturadas vão revelar-se através de várias disfunções: dislexias, disgrafias e inaptidões multiformes, inclusivé a nível da linguagem.

V — EXPRESSÃO LÚDICA, URBANISMO E ESCOLA

Brincando, a psicomotricidade da criança desenvolve-se seguindo o seu ritmo próprio de maturação e favorecendo a descoberta do meio circundante. É brincando que a criança ocupa o espaço de vida, sonha e cria toda a espécie de "mundos" que a preparam para a vida.

Ora, o sistema de urbanismo imposto nas nossas cidades "muito modernas", baseado em planos de alongamento seguindo normas de proveito económico que interessam às grandes empresas imobiliárias, reduz cada vez mais os espaços de jogo tanto no interior das casas como nos jardins...

Por outro lado, brincar significa a descoberta do mundo e da afectividade pessoal num contexto de divertimento, enquanto que a vida na escola é a descoberta do rendimento, uma vez que a escolarização nos liga a uma referência em termos de insucesso que em definitivo leva a uma classificação de prestígio.

A sociedade industrial, muito pragmática, considera a criança como um ser a preparar o mais depressa possível para as tarefas da produção. Tem engrenagens que a querem transformar rapidamente, primeiro em adolescente preocupado com o seu futuro e em seguida em adulto trabalhador

(tanto pior para os que não encontram trabalho)... e tudo isto em contraste com a espontaneidade e a ingenuidade da criança que brinca sem nenhuma preocupação de rendibilidade.

Quando na escola se utiliza um "jogo simulado" como meio pedagógico para inculcar na criança uma parte do programa, engana-se essa mesma criança. Com efeito, este "jogo" não tem dele senão a aparência uma vez que a criança não domina as suas regras, sendo-lhe estas impostas pelo adulto que as relaciona com a resposta pretendida. A alegria de se divertir será desnaturada por uma "satisfação" de ser bem sucedido em relação a uma tarefa proposta. Então, a criança produz, já não brinca porque deve entrar num outro "universo" a reconhecer.

Na situação de "aprender brincando" na base de uma lógica de escola, não é o imaginário criativo do jogo que conta mais mas, ao contrário, é a realidade do resultado alcançado que domina o processo. É o princípio da realidade que se impõe ao impulso lúdico. O fenómeno é semelhante ao de trabalhar numa fábrica com fundo musical: é mais alegre mas é trabalho, o "invólucro" da actividade mudou para ultrapassar melhor a tarefa a cumprir.

São também escolhas a fazer durante este ano da criança que está a terminar... ou que se prolonga nas nossas reflexões no que respeita ao tempo de brincar e ao tempo de escola para as nossas crianças...

A escolarização é marcada pelo dever de aprender, por uma recompensa pelo sucesso ou penalização pelo insucesso e não por um tempo lúdico. Nestas condições o prolongamento é um assunto interessante para o Estado, para as empresas e não para as crianças. É ainda menos para as crianças vindas de famílias desfavorecidas ou menos instruídas, porque a escola actualmente não faz mais que confirmar as desigualdades de oportunidades em vez de compensar os "handicaps" sócio-culturais (para utilizar uma linguagem própria das circulares ministeriais).

Antes de considerar um prolongamento da escolarização seria necessário resolver alguns outros problemas, por exemplo:

a) Assegurar que o Jardim de infância até aos cinco anos, inclusivé, seja um espaço de jogo sem se tornar num "forcing" de aprendizagem; reafirmar a denominação "jardim de infância" será o melhor processo de acentuar a diferença das finalidades.

b) Rever os métodos pedagógicos a fim de mudar completamente o actual estado de coisas em que a maioria das crianças chega ao final da escola primária tendo vivido uma situação de insucesso.

A escola deveria ter como objectivo fundamental o sucesso de todos.

c) Estudar — e transformar — a realidade dos nossos sistemas institucionalizados que se ocupam das crianças, que actualmente representam uma desigualdade de "regalias" sociais em lugar de dar possibilidades de desenvolvimento a todas as crianças.

Isto são escolhas... isto são ideias para reflectir... dando direitos à criança estamos a pensar no direito de brincar, ao crescimento não programado segundo um modelo de aprendizagem acelerada.

Direito às crianças de viverem o seu tempo de alegria, graças à brincadeira, na despreocupação infantil.

Raimundo Dinello

Actas XVI Congresso Mundial da O.M.E.P. Organização Mundial de Educação Pré-escolar Quebec (Canadá) de 28 de Julho a 2 de Agosto de 1980.

"A Criança: Um membro integrante da sociedade?"

P. 355, 356, 357 e 358.

Tradução

M.^a José Vieira

Acções de Formação Coimbra, Porto e Lisboa

O Professor Raimundo Dinello, doutorado em Psicologia pela Universidade Livre de Bruxelas onde leccionou Sociologia de Educação, actualmente residindo no Uruguai de onde é oriundo, desenvolve a sua actividade de investigador e professor entre a América Latina e a Europa exercendo, entre outras funções, as de Presidente da Federação Latino-Americana de Ludotecas e Coordenador do Programa de Recursos Humanos da Universidade de Uberaba. Deslocou-se a Portugal e orientou seminários em Coimbra, no Porto e em Lisboa.

Em Lisboa, o Encontro realizou-se nos dias 22, 23 e 24 de Maio segundo o tema "Jogo e Desenvolvimento".

Entre os 135 participantes encontravam-se técnicos de diversas áreas: animadores ligados a Câmaras ou a grupos culturais, educadores de infância, professores de todos os graus de ensino e ainda das Escolas Superiores de Educação (Porto, Bragança e Santarém).

A actividade de quantos aderiram a esta proposta, vindos do Norte a Sul do país, Madeira, Terceira e S. Miguel, acentuaram a urgência de tempos de informação, análise e reflexão para uma resposta de qualidade junto da criança.

Registamos que o Encontro promovido pelo I.A.C., em Lisboa, foi apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian a quem expressamos os nossos agradecimentos.

NOTA: A educadora de infância Anália Cascais, gravou as sessões teóricas e práticas do Encontro efectuado em Lisboa. O vídeo final será oportunamente apresentado aos participantes e a outros técnicos interessados.



Sessões Alargadas

O IAC retomou a realização mensal de sessões alargadas: conferências dirigidas aos sócios e não sócios interessados nas temáticas propostas.

Estas sessões têm tido lugar, com acentuado êxito e participação, no Anfiteatro 3 da Fundação Calouste Gulbenkian, pelas 21H30.

Temas tratados:

- **Problemas ético-jurídicos de procriação artificial**
Doutor Ramos de Almeida
- **As minorias étnicas nas escolas portuguesas**
Dr. Antas de Barros
- **Protecção das crianças em risco — uma experiência**
Dr. Juiz A. Leandro e Dr. Juiz R. Epifâneo
- **Os direitos da criança ao desporto**
Prof. Carlos Neto, Dr. Juiz R. Epifâneo e Prof. Dr. J. Pires.
Dr. Roberto Carneiro, Ministro da Educação, esteve presente nesta sessão.

Conferência Europeia: Protecção da Criança através da terapia?

Realizou-se em Bruxelas, de 24 e 28 de Abril passado, a 2.ª Conferência Europeia sobre "Criança Maltratada e Negligenciada" que teve como tema "Protecção da criança através da terapia?"

A conferência reuniu mais de 400 participantes de numerosos países tendo o tema sido debatido em sessões plenárias e "workshops" sobre, "Protecção da criança, através da terapia", "A interacção entre terapia e lei", "Psicoterapia da criança maltratada e dos pais abusivos", "Terapia familiar", "Violência institucional", "Síndrome de Burn-oret", "Terapia dos terapeutas".

Segundo os organizadores da Conferência "daqui até ao fim do século a infância maltratada e negligenciada constituirá provavelmente o mais importante problema de saúde pública infantil". Mais salientaram que face à situação existente é prioritário ponderar a necessidade do ser mais compreensivo e menos repressivo para ser mais eficaz.

O I.A.C. esteve representado nesta 2.ª Conferência Europeia pela Dra. Maria José Lobo Fernandes, coordenadora do grupo de trabalho "Criança Maltratada".





Delfim Santos: Uma pessoa moral

Num breve e luminoso texto, publicado em 1943 Delfim Santos afirmou mudarem os métodos e processos educativos, mas permanecer fundamentalmente "o *desígnio último da educação: a formação da pessoa moral*".

Este objectivo humanista — em muitos outros passos, Delfim Santos se referiu a essa finalidade última sob a formulação "tornar o homem humano" — foi incansavelmente prosseguido ao longo de décadas de magistério e intervenção que, acima de tudo, vieram a revestir-se de um carácter primariamente pedagógico.

Sabemos que Delfim Santos — porventura o português filosoficamente mais bem preparado — e melhor informado do seu tempo se veio a orientar sobretudo para a reflexão em torno da história da educação e da pedagogia por motivos "acidentais", se por acidente tomarmos a marginalização de que, na velha Faculdade de Letras, foi vítima, e o acantonou a essas disciplinas, afastando-o das cadeiras de Filosofia para que estava particularmente vocacionado. Mas se há muitas razões para lamentar a distorção que a sua carreira sofreu, é também verdade que ele soube retirar dessa inflexão — que não

previu nem desejou, mas à qual foi obrigado — a possibilidade de reflectir filosoficamente sobre a educação e pedagogia, confluindo duas vertentes não dissociáveis — o filósofo é sobretudo um pedagogo, como desde os gregos sabemos e como ele se não cansou de recordar — na finalidade última de ensinar a ser livre pela livre formação da personalidade.

Os mortais e não os deuses — recordou no lapidário texto *Natureza e Espírito* — fizeram perder a razão ao homem que "não considere o pensamento como permanente tentativa e jogo em busca do acerto", antes dogmaticamente o considerando como posse exclusiva da verdade. Sempre, o seu entendimento da filosofia, como da pedagogia, o levou a considerar qualquer dogmática como "máscara de ignorância" e "acto pouco sério". Com ele, reaprendemos, em língua portuguesa, e em tempos de obscuros dogmatismos de sinais opostos, que a "actividade espiritual no seu propósito de conhecimento" é "núcleo de liberdade e decisão" e impede, forçada e forçosamente, qualquer atitude que exclua o erro e a dúvida. Excluí-los, do pensamento e da vida, é a suprema agressão contra

esse mesmo pensamento e essa mesma vida e só pode ser reivindicado por quem não foi educado para pensar, ou por quem não pensa para educar.

As gerações que foram educadas por Delfim Santos — ou seja que, com ele, aprenderam a interrogar e a interrogar-se — queixaram-se e com razão da escola em que foram educadas e da maior parte dos mestres que as educaram. Hoje, damos-nos conta que, apesar dos imensos vícios desse sistema (contra os quais incansavelmente Delfim Santos batalhou) ele permitiu ainda algo de que essas gerações foram, porventura, as últimas a beneficiar: o contacto *personalizado* com alguns mestres que, como ele, fizeram do seu magistério educativo magistério formativo e, pelo que disseram e pelo que escreveram, orientaram decisivamente as personalidades de quem pôde ainda receber essa *palavra*. Para Delfim Santos, como para o outro grande Mestre que na Faculdade de Letras com ele ainda coexistiu — Vieira de Almeida — a ortodoxia imposta era o "verme roedor do fruto doutrinário".

Com Delfim Santos, fundou-se, em Portugal, o último pensamento *heterodoxo* que representou a possibilidade de livremente reagirmos às certezas frustes em que nos queriam confinar.

Graças a ele, conheci autores e livros de que mais ninguém — ou quase mais ninguém — falava em Portugal. Graças a ele, pude ter acesso a correntes de pensamento que ele foi o único — ou um dos únicos — a ecoar entre nós. Mas o que sobretudo lhe devo foi a possibilidade dessa heterodoxia e a lição viva e vivida de que pensar é estar em oposição a "todas as verdades estáticas que adormecem um povo". Entre "mercadores do sono", Delfim Santos acordou-me. Isso lhe ficaram muitos a dever para sempre. E nisso — acto de dar à luz, acto de acender a luz — se cumpriu nele a missão essencial do filósofo como missão essencial do educador.

João Bénard da Costa

Boletim editado com o apoio

1995-12-05



Nestlé

Ficha Técnica

Edição do IAC — Grafismo:
Luís Pinto e Panchita —
Composto e impresso:
Editorial Império, Lda. - Rua

do Salitre, n.º 155 1.º
IAC — Instituto de Apoio
à Criança
Avenida de Berna, 56-3.º
1000 LISBOA
Telef: 73 58 75 - 76 50 41/42